Dia 31 — Santa Petronila, Virgem

Viveu esta santa no primeiro século da Igreja. Uma antiguidade tão remota, em tempo em que os fiéis só pensavam em viver e em morrer por Jesus Cristo e não se detinham em escrever, faz que não saibamos quase nada certo do nascimento, santa vida e morte preciosa aos olhos do Senhor de Santa Petronila; ignorância que, junta ao culto imemorial tributado constantemente a Santa Petronila desde a primitiva Igreja, deu motivo a muitas histórias apócrifas que já corriam no mundo desde o tempo de Santo Agostinho, e o santo se empenhou em refutá-las. O menos incerto que se pode dizer de nossa santa é o seguinte.

Foi Petronila uma donzela romana a quem São Pedro converteu à fé com toda a sua família, pouco tempo depois que entrou naquela cidade, capital do mundo cristão. Tendo tido a dita de receber o batismo numa idade muito inocente e de ser instruída desde então nas máximas da religião pelo príncipe dos apóstolos, já se deixam discorrer os progressos que faria no caminho da perfeição. Como era cristã toda a sua família e São Pedro acudia a sua casa com frequência, a jovem Petronila, imitando a Madalena aos pés de Jesus Cristo, aproveitava todas as ocasiões de ouvir as instruções do santo apóstolo. E, como por outra parte o mesmo apóstolo a havia regenerado por meio do batismo, olhou-se sempre a santa como filha espiritual de São Pedro, preferindo este título a todos os títulos honoríficos que talvez teria; e, por haver-se achado este nome de filha de São Pedro nas antigas atas dos santos mártires, padeceu-se a equivocação de tê-la por filha legítima e natural do apóstolo. Fez-se mais verossímil esta equivocação por constar do mesmo Evangelho que São Pedro foi casado e sabermos pela tradição da Igreja que sua mulher foi mártir generosa de Jesus Cristo; pelo que não é de admirar que com o tempo o título de filha de São Pedro, com que se honrava Petronila, desse motivo a crer que São Pedro havia sido seu pai natural e verdadeiro.

Desejava ardentemente a santa donzela padecer muito por um Senhor que tanto havia padecido por ela; e, movida destas fervorosas ânsias, todo o objeto de seus desejos e todo o assunto de suas orações era a cruz. Atendeu-a nosso Senhor liberalmente, dando-lhe por cruz a mesma cama, onde a teve imóvel por muitos anos com uma paralisia que lhe ocupou todos os membros do corpo. Era espetáculo verdadeiramente digno da admiração cristã ver uma donzela no mais florido de sua idade, de extraordinária formosura, de um espírito vivo, pronto e despejado, atormentado seu delicado corpo com agudíssimas dores, embargado o uso de todos os seus membros, privada de todo alívio e consolo, sem que se notasse nela o menor sinal de impaciência, sem que se lhe escapasse nem um primeiro movimento de inquietude, com um semblante sempre sereno, sempre risonho, sempre igual, com uma modéstia e com uma apacibilidade inalterável. Olhavam-na todos como um milagre vivo de paciência e de virtude; admiravam-na e propunham-na por modelo da perfeição cristã.

Todas estas virtudes eram efeito de sua caridade e de sua fé. O aceso amor que professava a Jesus Cristo a fazia suspirar incessantemente pelo martírio, e com o desejo que tinha de derramar seu sangue pela religião lhe parecia nada tudo quanto padecia. Era correspondente a estas virtudes a terna devoção que professava à santíssima Virgem; e em conclusão se pode dizer que toda a perfeição cristã se deixava ver naquela ditosíssima donzela.

Era a casa de Petronila como o hospício geral de São Pedro e de todos os cristãos que havia em Roma; e se diz que um dia, em que haviam concorrido muitos e estavam todos para sentar-se à mesa, alguns deles mostraram estranhar muito que, bastando a sombra só do apóstolo para curar a outros enfermos, quisesse o santo deixar paralítica numa cama a filha de seu hóspede. Parecendo a São Pedro que aquela estranheza podia debilitar sua fé e sua confiança, mandou a Petronila que se levantasse e fosse servir-lhes à mesa; o que fez ao ponto a santa, como se nunca houvesse estado enferma. Ficaram todos assombrados, bendizendo ao Senhor, obrador daquelas maravilhas; mas, declarando-lhes o apóstolo que à santa donzela lhe era mais conveniente a enfermidade que a saúde e que era vontade de Deus que ainda se purificasse mais e mais por alguns anos, continuando os exemplos de sua invencível paciência, mandou-a voltar à cama, e no mesmo instante voltaram a apoderar-se dela todos os seus males, ficando tão paralítica como antes, com a mesma debilidade, com a mesma inação e com mais vivas dores. Tem-se por certo que Petronila permaneceu no mesmo estado por alguns anos e que não sarou perfeitamente até depois do martírio do apóstolo.

Facilmente se deixa considerar a vida que faria em Roma a fervorosíssima donzela depois da preciosa morte de seu pai espiritual. Instruída em tal escola, formada por tal mão e governada por tão destro diretor, que progressos não faria no caminho da perfeição? As penitências voluntárias supriram as dores das enfermidades, sendo sua vida um contínuo exercício de devoção e de mortificação. Tendo gozado a Igreja de um curto intervalo de paz depois da morte de São Pedro, deu Petronila maior voo a seu zelo e a sua caridade, sendo sua casa o asilo onde as ternas donzelas cristãs e todos os demais fiéis achavam quanto haviam mister para suas necessidades espirituais e corporais. Seus bens eram dos pobres, e tudo quanto ganhava com seu trabalho se destinava ao alívio dos aflitos e menesterosos. Sua casa parecia verdadeiramente um mosteiro, e nunca deixava ela seu retiro senão para consolar e ajudar os fiéis que estavam nas prisões ou para enterrar os que haviam sido martirizados.

Não tardou Deus em autorizar aquela eminente santidade com o dom e com o esplendor dos milagres. Todas as enfermidades cediam a suas orações; e bastava, dizem as atas, que tivesse desejo de rogar ao Senhor pelos enfermos para que desde aquele mesmo instante estivessem sãos. Sua humildade, sua modéstia, seu modo e suas conversações conservavam maravilhosamente, em todos quantos a viam e tratavam, as salutares lições que lhes havia ensinado o santo apóstolo; de maneira que parecia servir-se Deus da honestíssima donzela para animar a fé e excitar o fervor dos cristãos.

Mas nem as penitências nem as prolixas e molestas enfermidades haviam murchado um ponto sua extraordinária formosura; e as maravilhas que se contavam em Roma de sua virtude, de seu espírito e de outras muitas prendas naturais faziam muito ruído em toda a cidade. Viu-a um dia Flaco, cavaleiro romano e, enamorado cegamente dela, resolveu pretendê-la para esposa, para

cujo efeito, sem querer valer-se de outro intérprete, ele mesmo foi um dia a sua casa com grande acompanhamento de criados e de lacaios e lhe fez diretamente a proposição.

Ficou Petronila estranhamente surpreendida, tanto da visita como do motivo dela; mas, dissimulando perfeitamente sua estranheza, respondeu a Flaco com a maior urbanidade, agrado e cortesia que ficava sumamente reconhecida e obrigada pela honra que pretendia fazer-lhe; mas que, sendo matéria de tanta consideração, lhe pedia três dias de prazo para pensá-la e para pôr ordem nos negócios de sua casa, ao cabo dos quais poderia enviar algumas donzelas e criadas que a acompanhassem. Retirou-se aquele cavaleiro muito satisfeito da atenta resposta e cortesãos modos da que considerava já como sua futura esposa e só pensou em fazer suas prevenções para celebrar a boda.

Mas nossa santa, que desde seus mais tenros anos havia consagrado a Deus sua virgindade, resolvida mais que nunca a não ter outro esposo que Jesus Cristo, encerrou-se em sua casa com outra santa virgem chamada Felícula e passou todos os três dias em oração, em jejuns e em todo gênero de penitências. Animada de uma viva fé e de uma terna confiança em Jesus Cristo, a quem sempre chamava seu divino esposo, e na santíssima Virgem, a quem nomeava sempre sua querida mãe, suplicava aos dois com as maiores instâncias que não a deixassem por mais longo tempo no mundo, exposta a agradar a outros olhos que os de seu divino esposo Jesus Cristo. «Afogue-se, Senhor, minha vida em meu sangue ou em minhas lágrimas», exclamava com fervor, e foi ouvida sua oração. No terceiro dia, ao amanhecer, foi a sua casa o presbítero Nicodemos, celebrou o santo sacrifício da missa, deu-lhe a comunhão e teve o consolo de vê-la expirar tranquilamente ao pé do altar, consumida pelo fogo do divino amor. Pouco tempo depois chegaram as donzelas que enviava Flaco para acompanhá-la e, em lugar de conduzi-la ao tálamo nupcial, seguiram o acompanhamento dos funerais, levando-a à sepultura.

Foi enterrado o santo corpo num cemitério do caminho de Ardea, que depois tomou o nome de Santa Petronila, e com o tempo se fundou nele uma igreja em honra da mesma santa. O papa Gregório III estabeleceu ali uma estação no século oitavo; alguns anos depois Paulo I trasladou o corpo de Santa Petronila à igreja de São Pedro no Vaticano, onde cada ano se celebra sua festa com extraordinária solenidade; e não se celebra com menos pompa nos Trezentos de Paris [^1] e na abadia de Santa Perina ou Petronila, perto de Compiègne.

Ainda que o martirológio romano diz que Santa Petronila foi filha de São Pedro, deve entender-se que foi filha espiritual; o que se infere do mesmo que acrescenta: que Flaco, homem nobre, a pediu por esposa; porque, se fosse filha de São Pedro segundo a carne, não cabia que um cavaleiro romano pensasse em casar-se com ela, nem pela qualidade nem muito menos pela idade que então teria a santa, que necessariamente havia de ser muito avançada. O breviário romano nada diz em particular de Santa Petronila, porque Clemente VIII mandou tirar a lição que antes havia.

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Petronila, virgem, filha do bem-aventurado apóstolo São Pedro, a qual, não podendo resolver-se a casar-se com Flaco, nobre romano, pediu três dias de prazo para deliberar, os quais passou em jejuns e orações, e no terceiro dia, depois de haver recebido o sacramento do corpo de Jesus Cristo, entregou seu espírito.

Em Aquileia, os santos Câncio, Canciano e Cancianila, irmãos, da ilustre família dos Anícios, os quais, por causa de sua constância na fé católica, foram decapitados com seu mestre Proto, no tempo dos imperadores Diocleciano e Maximiano.

Em Torres, na Sardenha, São Crescenciano, mártir.

Em Comana, no Ponto, São Hérmias, soldado, o qual, no tempo do imperador Antonino, tendo sido livrado pela mão de Deus de um grande número de suplícios horríveis, converteu o verdugo a Jesus Cristo e o fez participante da coroa do martírio; não obstante a recebeu ele primeiro, tendo sido decapitado.

Em Verona, São Lupicino, bispo.

Em Roma, São Pascásio, diácono e confessor, de quem faz menção o papa São Gregório.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Petronillæ virginis tuæ festivitate gaudemus; ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi-nos, Senhor, Salvador nosso, para que a alegria espiritual que sentimos na festividade de vossa bem-aventurada virgem Petronila seja acompanhada de uma verdadeira devoção. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 7,25-34

>

> **Latim:** [25] De virginibus autem præceptum Domini non habeo : consilium autem do, tamquam misericordiam consecutus a Domino, ut sim fidelis. [26] Existimo ergo hoc bonum esse propter instantem necessitatem, quoniam bonum est homini sic esse. [27] Alligatus es uxori ? noli quærere solutionem. Solutus es ab uxore ? noli quærere uxorem. [28] Si autem acceperis uxorem, non peccasti. Et si nupserit virgo, non peccavit : tribulationem tamen carnis habebunt hujusmodi. Ego autem vobis parco. [29] Hoc itaque dico, fratres : tempus breve est : reliquum est, ut et qui habent uxores, tamquam non habentes sint : [30] et qui flent, tamquam non flentes : et qui gaudent, tamquam non gaudentes : et qui emunt, tamquam non possidentes : [31] et qui utuntur hoc mundo, tamquam non utantur : præterit enim figura hujus mundi. [32] Volo autem vos sine sollicitudine esse. Qui sine uxore est, sollicitus est quæ Domini sunt, quomodo placeat Deo. [33] Qui autem cum uxore est, sollicitus est quæ sunt mundi, quomodo placeat uxori, et divisus est. [34] Et mulier innupta, et virgo, cogitat quæ Domini sunt, ut sit sancta corpore, et spiritu. Quæ autem nupta est, cogitat quæ sunt mundi, quomodo placeat viro.

Português: [25] Quanto porém às virgens, não tenho mandamento do Senhor: mas dou conselho, como quem do Senhor tem alcançado misericordia, para ser fiel. [26] Entendo pois que isto he bom por causa da instant necessidade, porque he bom para o homem o estar assim. [27] Estás ligado á mulher? não busques soltura. Estás livre de mulher? não busques mulher. [28] Mas se tomares mulher, não peccaste. E se a virgem se casar, não peccou: todavia os taes padecerão tribulação da carne. E eu quizera poupar-vos a ella. [29] Isto finalmente vos digo, irmãos: O tempo he breve: o que resta he, que não só os que tem mulheres, sejam como se as não tivessem: [30] mas tambem os que chorão, como se não chorassem: e os que folgão, como se não folgassem: e os que comprão, como se não possuissem: [31] e os que usão d'este mundo, como se d'elle não usassem: porque a figura d'este mundo passa. [32] Quero pois que vós vivais sem inquietação. O que está sem mulher, está cuidadoso das cousas que são do Senhor, de como ha de agradar a Deos. [33] Mas o que está com mulher, está cuidadoso das cousas que são do mundo, de como ha de dar gosto a sua mulher, e anda dividido. [34] E a mulher solteira, e a virgem, cuida nas cousas que são do Senhor, para ser santa no corpo, e no espírito. Mas a que he casada, cuida nas cousas que são do mundo, de como agradará ao marido.

Nota

«Estando São Paulo em Éfeso, recebeu cartas de Corinto com notícia do que se passava naquela igreja; e, tendo ido vê-lo Estéfanas, Fortunato e Acaico, entregaram-lhe também outras cartas em que os fiéis da mesma cidade o consultavam sobre o matrimônio e a continência; a cujos diferentes pontos responde nesta epístola.»

Reflexões

A figura deste mundo passa. Grandeza mundana, fortuna brilhante, nascimento ilustre, talento sobressalente, empregos elevados, altas dignidades, prosperidade deliciosa: logo nada sólido se acha em vós senão o nome; logo nada sois em suma senão umas lisonjeiras ilusões, um sonho agradável que embevece por uns poucos momentos, e até esse embevecimento não é mais que para os que estão dormindo. Louve-se quanto se quiser este mundo, ele não é mais que um fantasma atrás do qual se corre e, depois de cansar-se e fatigar-se, só se acha confusão, amargura e arrependimento. É um ídolo que fabricou o capricho, a quem sem cessar se está incensando mais por costume que por razão: é uma imagem, uma figura superficial que se mancha, que se apaga, que em breve tempo se desfaz. Que nos tem ficado daquele mundo que reinava cem anos há? Os retratos de seus adoradores e de seus zelosos partidários são visíveis: as modas, que são fruto do capricho extravagante do mundo, mudam-se a cada instante. Por molestas, por ridículas e por prejudiciais que sejam, basta a descomposta fantasia de uma mulher louca, basta o antojo de um gênio e de uma inventiva mundana e ociosa para fazer lei de uma nova moda; mas lei que quando muito costuma durar um ano. O gosto vai sempre atrás do capricho; e a contínua mudança de gosto, de moda, de diversão e de costume forma como o corpo do fantasma atrás do qual se corre. O vento que alimenta e a fumaça que estonteia e cega os mundanos não passam mais velozmente que o mundo: sua figura passa; e que outra coisa é o mundo mais que figura? Não é mais que uma imagem de cores sobrepostas e de traços superficiais que o mesmo vento apaga e confunde. Tudo é mera exterioridade no mundo; as grandes honras que se tributam, as mais vivas demonstrações de uma fingida amizade, máscara, artifício, afetações, momices, tudo passa, tudo se acaba; e acabado tudo isto, que fica de tudo isso que possa satisfazer a um homem racional nem que possa encher um coração cristão? Nem sequer dura o mundo, por assim dizer, tudo o que dura a vida de um mundano; basta a menor desgraça para afugentá-lo; à primeira queda parece que o mesmo mundo foge de seus mais apaixonados parciais. Os mesmos anos despedem o mundo; inutilmente pretendemos ser gentes do mundo apesar das cãs, das rugas e das fedores da velhice; o mundo já não quer nada de nós. É o caso que, como o mundo nunca é velho, só gosta dos moços. Mas ainda que logremos o favor do mundo por toda a vida, não será longa sua duração: mal caímos enfermos numa cama, o mundo se acabou para nós. Passemos a ver o sepulcro dos grandes e dos ditosos do século; brilha porventura o mundo entre suas podres cinzas? E que fica do mundo na hora da morte? Pois que extravagância, que encanto, que loucura não é amar o mundo e servi-lo como escravo! Aprisionar-se, consumir-se, arruinar-se e perder-se por seguir o espírito e as máximas do mundo! Todo o mundo grita contra elas, e todo o mundo as segue. Que se deverá pensar desta conduta?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** [44] Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. [45] Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. [46] Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. [47] Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. [48] Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. [49] Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, [50] et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. [51] Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. [52] Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: [44] O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. [45] Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. [46] E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. [47] Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: [48] e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. [49] Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, [50] e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. [51] Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

O esquecimento do último fim é a origem do mau discorrer dos mundanos

Primeiro ponto

Considera que o mundo é cego, é insensato no juízo que faz dos bens e dos males desta vida. Se se consulta seu espírito e se nos havemos de deixar guiar de suas luzes, será preciso dizer que todos os santos se enganaram; que o Evangelho e o mesmo Jesus Cristo careceram de luz e de discernimento, tendo errado em todos os princípios.

Horroriza-se o coração só com ouvir estas blasfêmias; mas não obstante assim fala e assim discorre o mundo todos os dias. Pontualmente louva aquilo mesmo que Jesus Cristo reprova e que todos os santos olharam com horror. Bem pode o Salvador representar as riquezas como estorvo

da salvação; o mundo faz delas seu ídolo; incorre-se em sua desgraça logo que se cai em pobreza. De onde nascem todas estas desordens? Do esquecimento do último fim.

De onde nasce que hoje em dia discorra o mundo tão pouco cristãmente em meio do cristianismo? Qual é a origem da cegueira e da loucura do mundo? Não é outra que julgar da felicidade do homem só com respeito à vida presente, sem pensar na futura. Regula seus juízos, suas inclinações e seus desejos pelos bens presentes e sensíveis, sem lembrar-se dos que estão por vir. Fixa toda a atenção no que faz doce e agradável esta vida, esquecido inteiramente das funestas consequências que talvez se seguirão. Os sentidos são seus oráculos; toda a sua felicidade a coloca nos bens desta vida, como se ela fosse o lugar de seu descanso, como se as criaturas fossem seu último fim; esta é a verdadeira loucura do mundo.

Este objeto é muito a propósito para contentar meus sentidos, para satisfazer minhas paixões, para lisonjear meu apetite? Logo é meu verdadeiro bem: assim raciocina o mundo. Mas poder-se-ia falar de outra maneira se não houvesse outra vida que a presente? Crê-se que há outra e com tudo isso se fala da mesma sorte. Tal objeto, tal ideia, tal emprego nos parece a maior felicidade desta vida e talvez será a maior desgraça da outra. Dar-nos-á gosto tudo isso por alguns momentos de uma vida muito curta; mas não será a causa de amaríssimos arrependimentos por toda a eternidade?

Para fazer juízo reto da verdadeira felicidade de um homem que há de viver eternamente, havemos de governar-nos pelo que só dura um brevíssimo espaço de tempo ou pelo que dura a mesma eternidade? Não será sazão de comparar a eternidade com o tempo e os bens e os males temporais com os males e com os bens eternos?

Coisa estranha! Prezam-se os homens de ser sábios, judiciosos, prudentes, discretos; e seguramente muitos o são em tudo aquilo que não toca a sua eterna salvação; mas, quando se trata de ser ditosos ou infelizes por toda a eternidade, então não se discorre, desvaria-se. A que se atribuirão estes intervalos de loucura? Ao esquecimento de nosso último fim. Estranhamente se extravia, se precipita e se perde o que aparta a vista desta estrela. Ah, Senhor, e quão funesta experiência tenho feito desta terrível verdade em meus próprios extravios!

Segundo ponto

Considera que se deve olhar a vida presente e a vida futura como duas diferentes regiões em que o homem há de entrar sucessivamente: um curto número de dias, uma fumaça que se desvanece, um sonho que logo se acaba, essa é a medida desta vida; a eternidade, isto é, uma duração interminável, essa é a medida da outra. Que proporção há entre estas duas durações? Mas que loucura mais insigne, que maior extravagância que pôr unicamente a atenção neste curto número de dias tão pouco serenos, tão pouco tranquilos, e não fazer o menor caso daquela ditosa eternidade, que é nosso último fim! Que insensatez preferir estes bens aparentes, estas falsos brilhos de uma vida tão cheia de misérias, àquela eterna felicidade para a qual fomos criados!

Ó meu Deus, e com que claridade descobrirá a eternidade a estupidez do espírito do mundo e o desacerto dos que se governaram por ele! Quão sensível, quão palpável, quão evidente se fará

então esta loucura! Quê! Viver alguns dias em liberdade, com alegria, mas com uma alegria tão frívola, tão superficial, tão interrompida, tão mesclada e, por assim dizer, com uma alegria tão triste, tão amarga como a desta vida; e isto para viver depois entre arrependimentos, entre lágrimas, entre suplícios e tormentos tão espantosos como são os da outra; para viver em meio daquele torvelinho, daquele centro de todos os males por toda a eternidade! Escolhei, mundanos; e, se já tomastes vosso partido, se fizestes vossa eleição, se a vida presente tem tanto atrativo para vós, se não vos merece o menor cuidado a outra, sois prudentes? Tendes juízo? Discorreis com acerto? Sois racionais? Tal é a sorte de todos os que perdem de vista seu último fim.

Pelo contrário, viver neste mundo alguns dias e vivê-los em umas lágrimas tão doces, tão consoladoras como as que faz derramar a penitência, para viver depois na vida eterna do Senhor, naquele oceano dos mais puros, dos mais santos, dos mais plenos deleites, herança segura, sorte ditosa das almas fiéis; que vos parece? Não será prudência abraçar este partido? Pois eis aí o efeito que produz a contínua consideração de nosso último fim.

Faz-se o mundo mais digno de compaixão por isso mesmo que se lisonjeia em seus próprios erros e desacertos. Ah! E quanta verdade é o que diz o Apóstolo [^2]: *Que para os filhos de perdição tudo o que se diz da cruz é insensatez e loucura; mas para os eleitos esta divina palavra leva a força de Deus:* Verbum enim crucis pereuntibus quidem stultitia est; iis autem qui salvi fiunt, id est nobis, Dei virtus est. *Ninguém se engane a si mesmo,* acrescenta o Apóstolo: *se alguém de vós é tido por sábio segundo o mundo, que se faça ignorante para ser sábio, porque a sabedoria deste mundo aos olhos de Deus é uma verdadeira loucura:* Nemo se seducat: si quis videtur inter vos sapiens esse in hoc sæculo, stultus fiat ut sit sapiens; sapientia enim hujus mundi stultitia est apud Deum [^3]. Esta ditosa mudança é efeito da graça e em certa maneira é fruto da contínua consideração de nosso último fim.

Já, Senhor, experimento a dor e o remorso de uma cegueira que tem sido em mim tanto menos escusável quanto tem sido mais voluntária. Assim é que até aqui tenho pensado, tenho discorrido e tenho falado sempre dos bens e dos males desta vida segundo estes falsos princípios e governando-me pelas aparentes luzes do mundo; reconheço e detesto meu erro e vos suplico, meu Deus, que me concedais a verdadeira sabedoria dos verdadeiros fiéis; porque de hoje em diante não quero gloriar-me em outra sabedoria que na sabedoria da cruz.

Jaculatórias

> *Mihi absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi.* Gl 6.

Livre-me Deus de gloriar-me em outra coisa que na cruz de meu Senhor Jesus Cristo.

> *Quis sapiens, et custodiet hæc; et intelliget misericordias Domini?* Sl 106.

O que é sábio guarda os mandamentos e compreende as misericórdias do Senhor.

Propósitos

1. O que não pensa aonde vai extravia-se; e o que aparta a vista de seu último fim discorre mal, porque então só o governa a paixão. De onde nasce que tantos homens sábios aos olhos do mundo, de tão bom juízo, de tanta capacidade, de tanto acerto numa resolução moral, de tanta prudência para dar um conselho, desvairam tão lastimosamente em sua própria conduta? Nasce de que se esquecem de seu último fim: em seus discursos não lhes falta luz, mas lhes falta retidão, apartando os olhos para não ver seu último fim. Evita esta desordem; estranha coisa é caminhar dia e noite os trinta, os cinquenta, os oitenta anos sem pensar sequer aonde se vai. Todos somos caminhantes; pois lembremo-nos de qual há de ser o termo de nossa viagem e o fim de nossas ações. Considera todas as noites que aquele dia fizeste uma jornada e que essa menos te falta para chegar ao termo. Não empreendas coisa alguma sem perguntar a ti mesmo: *Quid hæc ad æternitatem?* E isto, de que servirá para a vida eterna? Assim o praticaram muitos santos; pratica-o tu como eles.

2. Dás bons conselhos a teus filhos e a teus criados? Pois dá esses mesmos a ti próprio. Corriges uma falta, repreendes uma ação? Pois guarda-te bem de incorrer no que repreendes e corriges. *Medice, cura te ipsum:* Médico, cura-te a ti próprio. Isto é o que tacitamente dizem os filhos, os criados, os súditos, os ouvintes a todos os que dão boa doutrina e não se aproveitam dela. Cometer as faltas que se repreendem nos outros, não fazer o que se aconselha aos demais, é hipocrisia, é momice, é como caricatura em ponto de religião; isto é o que choca e indigna todo homem de entendimento. Que confusão, que vergonha padecerão algum dia aqueles diretores e pregadores que mostraram a outros o caminho do céu e eles não o quiseram seguir; que lançaram sobre outros cargas muito pesadas e eles não as tocaram com o dedo; que foram como metal côncavo e sino sonoro, voz, ruído e nada mais! Envergonha-te de não praticar o que ensinas a outros. *Cæpit Jesus facere et docere.* Queres que teus sermões, que teus conselhos sejam eficazes? Pois faze aquilo mesmo que ensinas.

[^1]: Assim no original («los Trescientos de París»); não identificado com segurança. [^2]: 1Cor 1,18. A chamada «(1)» consta do original; o texto da nota («I. Cor. 1.») aparece deslocado, depois do parágrafo. [^3]: 1Cor 3,18-19. A chamada «(2)» consta do original; o texto da nota («I. Cor.», sem capítulo) aparece truncado; a referência foi deduzida do texto citado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:46 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:46 by Admin